

GÊNEROS (TEXTUAIS/DISCURSIVOS): UMA CONCEPÇÃO FUNCIONALISTA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Autor: Ericson José De Souza; Co-autor: Mayra Ferreira De Souza; Orientador: Benedito Gomes Bezerra

*UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO CAMPUS MATA NORTE. ericonjt@hotmail.com;
mayraferreira1992@hotmail.com; beneditobezerra@gmail.com.*

Resumo: Para os professores contemporâneos há muitos desafios a serem enfrentados e um dos maiores desafios é o desafio da “inovação”. Falando mais especificamente dos professores de língua portuguesa, eles precisam conciliar os aspectos gramaticais com o seu contexto de uso de uma forma inovadora. Mas, será que é possível utilizar gêneros (textuais/discursivos) com esta finalidade? A resposta para essa pergunta está nas teorias relacionadas a gêneros, discutidas nesse artigo, sendo importante para o educador ter essa base teórica imprescindível para a sua formação como “professor inovador”. Sobre essa perspectiva, Silva (2011, p.142) afirma: “Nós, na posição de educadores e de professores de língua materna, precisamos saber toda a teoria e mais, sabê-la de tal modo que possamos colocá-la em prática em nossas salas de aula sem explicitá-la.” É justamente sobre esse olhar que discorre a nossa pesquisa. Comprovar que, teoria e prática juntas possibilitam ao professor ensinar língua portuguesa dos aspectos gramaticais (regras), aos funcionais (contexto de uso), utilizando gêneros. Esta ideologia está relacionada à “ampliação” ou “nova visão” do que deve ser o objeto de investigação linguística: o texto. Poderíamos imaginar o seguinte: nós utilizamos roupas específicas para cada situação ou ambiente, se quisermos estar adaptados ao contexto. Da mesma forma, podemos imaginar que o gênero seria a “roupa” da língua que a adapta às diversas situações comunicativas. Se a intenção do educador quando usa frases isoladas para ensinar língua é preparar o educando para utilizá-la, como adaptar, utilizar ou fazer funcionar se não for por meio de gêneros? O que queremos é levar os professores a compreender que há um desejo nos alunos por conhecer o que há de funcional em tudo o que eles estudam e nós temos a oportunidade de assim fazer. Esta oportunidade chama-se gêneros (textuais/discursivos), esses tornarão as aulas menos “cansativas”, além de em algum momento proporcionarem às produções textuais a estarem ligadas ao cotidiano dos educandos. O artigo está baseado teoricamente em autores como: Marcushi (2008), Antunes (2009), Bezerra (2017) e Silva (2011) que desenvolvem suas pesquisas com a mesma finalidade: a busca pela inovação e a funcionalidade. Além disso, explicitamos uma atividade com gêneros aplicada em sala de aula, um proveitoso modelo de inovação.

Palavras-chave: Gêneros (textuais/discursivos), objeto de investigação linguística, produções textuais.

1. INTRODUÇÃO

O sistema educacional brasileiro é extenso, com um avultado quantitativo de professores e educandos. Deriva-se dessa extensividade uma diversidade de metodologias pertinentes ao ensino de língua portuguesa, que variam conforme a concepção de língua compreendida pelo educador. Embora existam muitos métodos, alguns comprometem a aprendizagem por delimitarem o conceito de língua. Compreender que ela é mais que um conjunto de regras torna-se fundamental e modifica formas de ensino, possibilitando a aproximação entre língua e sociedade. Desta forma, deve-se considerar língua como ação e interação. Sobre isso, Antunes (2009, p.49), afirma que: “usar a linguagem é uma forma de agir socialmente, de interagir com os outros” e “essas coisas somente acontecem em textos”. No que se refere a texto, Bezerra (2017, p.37) diz: “o texto, tal como construído em cada situação de interação, remete às convenções de um ou mais gêneros”. Aplicasse assim o trabalho com gêneros como método de ensino. Os gêneros orientam os textos nas diversas situações comunicativas e comunicamo-nos por meio de enunciados. Se a enunciação sempre é dirigida a alguém, então por que ensinar língua isoladamente? Delimitar-se ao sistema de regras implica priorizar os aspectos sintáticos e desconsiderar o contexto de uso, mas o trabalho com gêneros proporcionam não apenas a compreensão das particularidades estruturais do texto como também sua funcionalidade. Os formalistas fundamentavam-se na noção de língua autônoma, podendo ser analisada por si mesma, mas, os funcionalistas a definiram como um conjunto de atividades e ações, logo, se é ação, deve ser estudada como atividade e não apenas como estrutura. Marcuschi (2008, p.23) no que diz respeito a este assunto afirma: “não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações pessoais e sociais situadas”. Em síntese, este artigo, busca o aprofundamento dos conhecimentos teóricos relativos a gêneros e a apresentação do resultado de uma atividade aplicada em sala de aula, explicitando os métodos utilizados a fim de contribuir com o aprimoramento do ensino de língua portuguesa.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa é qualitativa e nosso objeto de estudo são as teorias relativas a gêneros (textuais/discursivos), as observações de como tais teorias se aplicam na prática e seus resultados. Tivemos contato com livros teóricos de autores contemporâneos, a fim de aprofundarmo-nos na temática. Em seguida, aplicamos uma atividade com gêneros em sala de aula, observando as respostas que essas bases teóricas nos dariam. Os textos dos alunos foram analisados e com base nessa análise desenvolvemos atividades que solucionassem os

“problemas” frequentes, sempre utilizando gêneros, colocando em prática a tese que defendemos: é possível ensinar língua dos aspectos minuciosos aos extremos trabalhando com gêneros.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O surgimento da vertente funcionalista

Os estudos da língua não são recentes, embora a sua busca pela compreensão funcional seja. Registros históricos nos revelam que a primeira gramática existente foi desenvolvida por Pāṇini (520 a. C. a 460 a. C), um gramático indiano, na busca de compreender o sânscrito, considerada na época a língua dos deuses. Posteriormente, os estudos avançaram em suas incontáveis finalidades, considerando o surgimento de novas línguas. Contudo, partiremos de um contexto mais próximo para que possamos explicitar as bases funcionalistas que sustentarão essa pesquisa. No século XX, Saussure compreendia a língua como um sistema autônomo de significação, que podia ser estudada em si e por si mesma. Uma visão puramente formalista. Posteriormente, no mesmo século, linguistas como Roman Jakobson (1896-1982), John Firth (1890-1960) entre outros, surgem com uma nova visão da língua, considerando seus aspectos funcionais, a situação em que está inserida e conseqüentemente o contexto. Este é um breve histórico dos estudos linguísticos. O fato é que estamos no século XXI e até hoje os estudos funcionais avançam e conquistam seu espaço, na tentativa de melhorar o ensino, com propostas e resultados que serão explícitos e discutidos em alguns tópicos deste artigo.

3.2 Atentando para os aspectos funcionais da língua através dos gêneros

Os trabalhos com gêneros ampliam as concepções de língua, de forma a compreender que os textos diferem, obedecem a certos padrões, se organizam em estruturas típicas e contêm elementos obrigatórios e opcionais. Para o ensino de língua, não poderíamos ter outro objeto mais rico em características a serem exploradas quanto o texto. Ele possibilita uma análise que vai além da frase, como: o desenvolvimento temático, coesão e coerência, modos de sequenciação e etc. O método de trabalhar língua isoladamente em sala de aula tem traumatizado alguns alunos quanto às aulas de língua portuguesa e às vezes o problema não está no aluno, em aprender, mas no professor, em ensinar. Deve-se compreender que a língua é um evento comunicativo e se realiza através de textos. Desta forma, não trabalharíamos apenas a forma da língua, como em frases isoladas, no entanto, contextualizando e

considerando-a, dentro de um texto/contexto. Uma verdadeira junção entre forma e função.

Os textos proporcionam a compreensão da língua como ação e identidade, pois o indivíduo ao se apropriar de um gênero constitui uma forma de comportamento e caracteriza-se como membro de um grupo social. Para cada situação comunicativa um gênero específico, com funções específicas, em um contexto específico; isso torna o gênero típico e estável, mas também flexível, pois conforme o tempo e sua frequência de ocorrência, muda e assume novas formas. Ensinar língua com base em gêneros promove o desenvolvimento de competências em diversas maneiras de interação social: fala, escuta, leitura e escrita. Se pensarmos nos textos orais e escritos, eles possuem regularidades, normas e convenções de ocorrência; usá-los como objeto de estudo, implicaria como diz Antunes (2009, p.57) por um fim “na velha prática de fazer do texto, apenas, o espaço para encontrar as classes de palavras que os alunos precisam aprender a reconhecer e classificar”.

3.3 Trabalhando a oralidade por meio de gêneros

Nas diversas situações comunicativas utilizamos frequentemente duas modalidades de expressão distintas: oral e escrita. Há ocasiões em que não poderemos escolher entre usar uma ou outra, teremos obrigatoriamente que apropriarmo-nos de ambas, como por exemplo: na apresentação de um trabalho acadêmico (trabalho escrito e apresentação oral) ou até mesmo uma entrevista de emprego (currículo escrito e entrevista oral). Fazer o bom uso da linguagem oral é uma ferramenta fundamental, por exemplo, para a seletiva de uma empresa que esteja contratando alguém para comandar subordinados, dirigir reuniões, dar entrevistas, vender produtos, representá-la, ser atendente ou demais possíveis funções. Desta forma, a preparação para o uso da oralidade é imprescindível, visto que a sua relevância para o sucesso profissional é notória.

O fato de o aluno ser bastante comunicativo em sala de aula e fazer uso continuamente da oralidade, não significa que ele saberá como adaptar-se as inúmeras situações em que poderá um dia ser participante. O trabalho com gêneros facilitará essa adaptação, visto que eles possibilitam a adaptabilidade da língua ao contexto. Para que o professor acompanhe com eficiência o educando nesse processo de desenvolvimento da oralidade, indicamos trabalhos com gêneros “orais”, como por exemplo: seminário, palestra, relato oral de experiência, peça teatral, debate regrado, conversa telefônica, diálogo no teatro de fantoches, cantigas orais, leitura de poema, mesa-redonda e etc. Esses gêneros não possuem apenas estruturas, mas, procedimentos e regras que variam de um para outro. Assim como

poderá ser trabalhado estruturas linguísticas específicas de cada gênero ou propriamente de cada “situação”. Uma boa oralidade é uma exigência do mercado de trabalho atual, por isso a busca pelo aperfeiçoamento dessa competência deve ser contínua.

3.4 Introduzindo os gêneros na sala de aula

Sabemos da importância que há na aprendizagem das regras normativas da língua portuguesa, contudo, como já foi citado, não devemos apenas nos fixar nas regras isoladamente. O uso de textos em sala de aula deve ser uma prática constante, mas muitos usam o texto como um “pretexto” na sala, fazendo-o servir apenas para o aluno fazer retiradas de classes gramaticais, toda via, levar o aluno a aplicar seu conhecimento e não apenas decorar a gramática deve ser a prioridade do professor.

Há muitas dificuldades em se trabalhar textos em sala de aula, ao começar com a escolha do texto. Os gêneros devem ser estudados dentro de uma situação de produção para serem bem compreendidos, como por exemplo, a produção de um jornal na sala, os alunos estudariam as formas de produção e circulação de notícias. Depois disso, o professor levaria jornais para a sala de aula e explicaria seu funcionamento e juntamente com os alunos criaria uma situação próxima da situação real de produção de um jornal, dessa forma, os alunos poderão compreender facilmente sobre o gênero estudado e ele não será um “pretexto” para o professor, nem incompreensível para os alunos.

Outra forma de se trabalhar gêneros textuais em sala de aula, é através da sequência didática, uma ferramenta pedagógica criada por estudiosos como: Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz citada por Marcuschi (2008, p.214) que diz: “A finalidade de trabalhar com sequências didáticas é proporcionar ao aluno um procedimento de realizar todas as tarefas e etapas para a produção de um gênero”. Usando-a facilitará aos alunos a entenderem como funciona determinado gênero, até os que eles ainda não dominam. Assim, escrever ou falar adequadamente numa situação de comunicação se tornará mais fácil.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A teoria na prática

É notória a complexidade das teorias aqui discutidas e numerosas as suas propriedades, mas se nós limitássemos o conhecimento apenas aos aspectos teóricos não obteríamos resultados com relação à educação, por isso, a prática é imprescindível para analisarmos a

funcionalidade e os resultados da circulação das teorias nos âmbitos escolares, além de possibilitar o acompanhamento do desenvolvimento do educando.

Tivemos a oportunidade em seis aulas para aplicar uma atividade com gêneros (textuais/discursivos) no 6º ano com 36 alunos na Escola Estadual Coronel Luiz Inácio no município de Aliança-PE. O objetivo da atividade está relacionado à produção textual e através disso analisar os textos para identificar os deslizos mais frequentes e propor uma atividade que ajudasse a solucioná-los. Tudo envolvendo gêneros.







Iniciamos a aula levantando uma discussão sobre “texto” e levamos os alunos a compreenderem que o texto pode ser verbal e não verbal e organizam-se por meio dos gêneros, inserindo desta forma a discussão sobre vários gêneros em sala de aula até chegar ao gênero que iríamos trabalhar: fábula.

Para um primeiro contato com o gênero entregamos impressa a fábula “Urubus e Sabiás” de Rubem Alves e nela espaços em branco para serem completados referenciando as imagens que inserimos na atividade. A **figura 1** ilustra a proposta que aplicamos. Uma forma de trabalhar substantivos, oralidade, escrita e compreensão textual através do gênero.

Figura 1: Proposta de atividade utilizando o gênero fábula.

Proposta

Vocabulário:

Urubus e Sabiás - Rubem Alves

"Tudo aconteceu numa terra distante, no tempo em que os _____ falavam... Os _____, aves por natureza becadadas, mas sem grandes dotes para o canto, decidiram que, mesmo contra a natureza eles haveriam de se tornar grandes _____. E para isto fundaram _____ e importaram _____, gargarejaram dó-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições entre si, para ver quais deles seriam os mais importantes e teriam a permissão para mandar nos outros. Foi assim que eles organizaram concursos e se deram nomes pomposos, e o sonho de cada _____, instrutor em início de carreira, era se tornar um respeitável _____ titular, a quem todos chamam de Vossa Excelência. Tudo ia muito bem até que a doce tranqüilidade da hierarquia dos _____ foi estremeçada. A _____ foi invadida por bandos de pintassilgos tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas para os sabiás... Os velhos _____ entortaram o bico, o rancor encrespou a testa, e eles convocaram pintassilgos, sabiás e canários para um inquérito.

— Onde estão os documentos dos seus concursos? E as pobres aves se olharam perplexas, porque nunca haviam imaginado que tais coisas houvessem. Não haviam passado por _____ de canto, porque o canto nascera com elas. E nunca apresentaram um diploma para provar que sabiam cantar, mas cantavam simplesmente...

— Não, assim não pode ser. Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem.

E os _____, em uníssono, expulsaram da _____ os passarinhos que cantavam sem alvarás...

MORAL: Em terra de _____ diplomados não se houve canto de sabiá."

4

Fonte: Autoria própria.

Em seguida, pedimos para que produzissem fábulas, estimulando a produção e a criatividade para a partir disso, analisarmos o desenvolvimento dos educandos em relação aos aspectos linguísticos. Abaixo haverá um exemplo de produção realizada pela aluna “A” da turma na qual foi aplicado o exercício.

Exemplo : Produção da aluna “A”.

1	Nada na vida é para sempre
2	“Era uma vez na floresta duas grandes amigas, uma Tartaruga e uma pintinha, a
3	Tartaruga era a amiga mais quieta e calada e a pintinha a mais agitada e rebelde,
4	um belo dia a Tartaruga decidiu ir a casa da pintinha. ao chegar lá presenciou uma
5	leve discussão entre a galinha e a pintinha e ao final da discussão percebeu que a
6	pintinha era muito diferente de você, porque a pintinha tinha tudo que desejava e
7	não valorizava não respeitava sua própria mãe, depois de um tempo ela decidiu
8	conversa com sua amiga e disse:
9	
10	- pintinha, por quê você fala assim com sua mãe?
11	- porque ela me irrita muito
12	- mais você não pode falar assim com sua mãe porque ela te dá tudo do
13	bom e do melhor e te dar todo o carinho e amor! e alias você tem que
14	valorizar em quanto ela está contigo
15	- A! Ela pode morre não vai fazer falta.
16	Uns dias depois a mãe da pintinha faleceu de repente enquanto dormia, quando a
17	Tartaruga soube foi correndo ver sua amiga. ao chegar lá viu sua amiga as
18	plantos, tentou acalma-la mais não conseguiu
19	desse dia em diante a pintinha se arrepende não ter dado todo o amor necessário
20	para sua mãe e se arrepende de as vezes ser tão egoista etc.
21	
22	Moral: der todo o seu amor para as pessoas que você ama porque elas não duram
23	para sempre!

Se observarmos, a produção da aluna “A” nos permite analisarmos e identificarmos várias

concepções de língua. Uma produção que parece ser imperícia, mas riquíssima em aspectos linguísticos que devem ser avaliados e que envolve regras, porém não se limita a elas. A **língua como identidade** manifesta-se nesse texto quando a autora explicita seus sentimentos e revela como vive a sociedade a qual ela é participante. É possível que ela tenha vivenciado, presenciado ou inspecionado o fato que relata na fábula, visto que, nos meios de comunicação tem circulado frequentemente notícias similares a esse relato e não é incomum que os escritores aproveitem a oportunidade que os gêneros concedem para explicitar sua identidade. Poderíamos até, dentro desse ponto de vista, classificar esse texto como um “relato de experiência” em forma de “fábula”. A **língua como sistema de regras** é identificada facilmente na produção analisada, basta observar que os verbos estão conjugados de acordo com o que exige o tipo textual narrativo. Observe na linha (10) que a aluna cumpre a regra da vírgula relacionada ao vocativo, além disso, o texto é rico em conectivos e possui coerência. A **língua como atividade e interatividade**, também é notória nessa produção, considerando que ao escrever a aluna sabia que estava comunicando-se com outros, ou seja, interagindo. E sabendo disso, escreveu para relatar uma experiência na tentativa de incentivar a mudança de comportamento da sociedade e expor a possível consequência que sofreriam as pessoas que persistissem em não valorizar as pessoas que amam.

Outras fábulas como essa foram analisadas e depois fizemos atividades na busca de solucionar os deslizes cometidos pelos alunos. Toda a aula foi desenvolvida com gêneros. Utilizamos paródias, retratos, poemas, charges e tirinhas. O desenvolvimento dos alunos foi excelente e demonstraram bastante interesse pelo assunto. Notamos que o trabalho com gênero facilitou a aprendizagem e nos deu bons resultados.

5 CONCLUSÕES

De acordo com os argumentos apresentados, podemos concluir que realmente o trabalho com gêneros (textuais/discursivos) em sala de aula é um método que facilita a aprendizagem do educando e contribui com o educador na busca de tornar as aulas produtivas e inovadoras. É imprescindível que, diante das discussões, argumentos e resultados expostos, os educadores obtenham como método, o ensino de língua através dos gêneros e não continuem insistindo em ensinar língua isoladamente, visto que, a contextualização possibilitada pelos gêneros harmoniza a ligação do conhecimento científico com a sua funcionalidade. A presente pesquisa permitiu-nos o aprofundamento das teorias relacionadas a gêneros e com isso contribui para a formação do professor que busca novos métodos de ensino, adquirindo

qualidade e alcançando resultados.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BEZERRA, B.G. **Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais.** 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, R.C. **A linguística textual e a sala de aula.** Curitiba: Ibpex, 2011. Série língua portuguesa em foco.